



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5807 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

**OBJETOS DE MEMÓRIA ESCOLAR DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:**

**CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A CULTURA MATERIAL ESCOLAR**

Caroline Braga - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE

Alessandra Amaral da Silveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERGS

**OBJETOS DE MEMÓRIA ESCOLAR DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A CULTURA MATERIAL ESCOLAR**

Este trabalho teve como intuito inventariar artefatos culturais presentes nas memórias escolares de estudantes de cursos de licenciaturas. Trata-se de uma pesquisa mais ampla, financiada pela FAPERGS, que tem por objetivo principal coletar, organizar e inventariar materiais escolares para a constituição de um centro de memória. Compreende-se que a coleta e a organização de tais artefatos possibilita problematizar a história das disciplinas escolares, as práticas e propostas pedagógicas relacionadas ao ensino de diferentes disciplinas, a produção, circulação e uso de determinados materiais pedagógicos para o ensino das mesmas, bem como a própria formação de professores. Diante disso, ressalta-se que as análises apresentadas neste texto versam especificamente sobre dados coletados no período de 2019 a 2020 em duas instituições públicas de ensino Superior, sendo uma localizada na região sul do Estado e outra na região do Alto do Uruguai, e que correspondem a participação de 86 estudantes oriundos de três cursos distintos: Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Ciências Exatas e Licenciatura em Educação Física. É importante frisar que as memórias escolares desses acadêmicos foram consideradas por se entender que os objetos não existem de forma isolada. Como salientaram Peres e Souza (2011, p. 55-56), a “análise da cultura material escolar não pode se esgotar no estudo do próprio artefato, ou seja, é necessário entender que os significados não estão nos objetos apenas, mas nas condutas, valores e sentidos que são atribuídos pelos sujeitos que deles fazem uso”. Desse modo, inventariar os artefatos culturais presentes nas memórias dos estudantes investigados implica, também, compreender as complexas relações, usos e sentidos atribuídos a eles em um determinado tempo e espaço. No que tange às questões teóricas e metodológicas da pesquisa, destaca-se que ela se insere no campo da História da Educação e ampara-se nos pressupostos da Nova História Cultural. Sobre esse campo de estudos, vale ressaltar que nas investigações históricas, até o final do século XVIII e XIX, foi predominante a compreensão da história pautada nas premissas de linearidade e da necessidade de um ponto de partida. Segundo Lopes e Galvão (2005), durante muito tempo esse entendimento embasou esse tipo de investigação fazendo com que as análises privilegiassem fontes como legislações, atos do poder executivo, relatórios, programas de ensino, estatísticas, entre outros materiais escritos e/ou oficiais. A partir das primeiras décadas do século XX, por volta de 1930, as discussões sobre o aspecto interpretativo da história passaram, de forma mais densa, a ocupar o horizonte dos

historiadores e, através de caminhos diferenciados, no decorrer dos anos houve “[...] a redescoberta do simbólico, do subjetivo e do cultural nas análises históricas [...]” (RAGO, 1995, p. 70). As discussões emergentes nesse período proporcionaram, em linhas gerais, uma revolução epistemológica e uma mudança de postura historiográfica, isto é, no que diz respeito às compreensões e procedimentos metodológicos a serem adotados nas pesquisas dessa área. Para Pesavento (2004), foi por meio da chamada *École des Annales* que esses redimensionamentos ganharam força, impulsionando assim as discussões da História Cultural ou da Nova História Cultural. Desse modo, a História Cultural se opôs a noção de fato histórico, de uma história política e narrativa. Nas palavras de Le Goff (1990), o historiador passou a fazer suas escolhas em meio às fontes, o que representou a construção científica do documento. Além disso, se expandiram as possibilidades de usos de fontes a serem utilizadas nas pesquisas e problematizou-se a forma de interrogar e criticar os documentos e, também, a forma de compreender e fazer história. Nesse contexto, aos poucos, distintos materiais da cultura escolar foram sendo privilegiados nas pesquisas historiográficas contribuindo sobremaneira na ampliação do campo conceitual, metodológico e dos saberes pedagógicos. Conforme Felgueiras (2010, p. 97), considerar a cultura material produzida na escola “[...] é mudar o foco da atenção, é atrair o olhar para os conjuntos escolares (professores, alunos, materiais disponíveis ou utilizados, condições objetivas do parque escolar, dos apoios sócio educativos, normativos, perspectivas de educação e de ensino)”. Ampliar o olhar para outros conjuntos escolares, como indica a autora, significa não só considerar outras fontes de pesquisa como também investigar a produção, circulação e usos das mesmas. Implica, também, compreender que elas constituíram as práticas pedagógicas, o cotidiano escolar, a cultura escolar de um determinado período e contexto social, o que corrobora a relevância de considerarmos diferentes artefatos culturais nas pesquisas desenvolvidas no campo da História da Educação a fim de reconhecermos as similaridades e peculiaridades de cada contexto educacional. Seguindo essa perspectiva é que se propôs a estudantes universitários, no início do semestre letivo, nas disciplinas de História da Educação e de Organização Escolar e Trabalho Docente, rememorem momentos de suas trajetórias escolares. Para tanto, foi solicitado que cada um compartilhasse com os colegas, em sala de aula, um objeto de memória escolar que lhe fosse significativo e que havia sido salvaguardado por eles ou coletado com algum familiar. A dinâmica de apresentação foi combinada com cada turma prevalecendo, entretanto, por opção delas, uma roda de conversa. Como mencionado, participaram da atividade 86 estudantes, com faixa etária média de 18 a 30 anos, sendo que a metade deles havia concluído o Ensino Médio no ano anterior ao ingresso nos referidos cursos de Ensino Superior. Cabe destacar que a maior parte deles apresentou um artefato cultural. Aqueles que não o fizeram, nomearam seus objetos de memória justificando não tê-los guardado ou estarem em localidade distinta da qual eles se encontravam em virtude do deslocamento para cursar a graduação. Contudo, mesmo assim, foi interessante observar que alguns estudantes procuraram apresentar os artefatos escolhidos por meio de fotografias. Nesse sentido, salienta-se que os objetos de memórias expostos pelos estudantes surpreenderam não só pela quantidade e diversidade como também pela abrangência dos períodos, sendo alguns datados de 1950 e 1960. Assim, de maneira geral, os acadêmicos mostraram, nas rodas de conversas, cadernos escolares, agendas, régua, medalhas, recordações escolares, fotografias, boletins, históricos escolares, estojos, mochilas, carteirinhas escolares, jogo de cartas, uniformes de times de futebol, carimbos, entre outros. Salienta-se, no entanto, que os cadernos escolares, as fotografias e as recordações escolares foram os objetos de memórias mais recorrentes. Ainda de maneira geral, destaca-se que foi possível observar, durante os relatos, que os objetos escolhidos por alguns estudantes serviram de gatilho para ativar as memórias escolares de outros colegas, ainda que com sentidos e usos distintos daqueles relatados. É elucidativa, nesse sentido, a situação ocorrida em uma das turmas, em que um estudante compartilhou o brasão recebido de presente do professor como incentivo para a continuidade de seus estudos, atribuindo ao objeto um sentido afetivo pela boa relação estabelecida entre professor-aluno. Todavia, após seu relato,

duas colegas manifestaram que, embora não tivessem escolhido objetos vinculados à figura do professor, lembraram que, para elas, a relação professor-aluno nem sempre foi permeada de afetos, uma vez que uma professora gritava muito em sala de aula e a outra arrancava as folhas do caderno de aula indicando a necessidade de a aluna refazer as atividades por considerar que a letra dela não era legível. Pode-se dizer a partir disso, que as lembranças e os esquecimentos, muitas vezes, estão vinculados a experiências que consideramos positivas ou negativas e que queremos, ou não, manter vivas em nossas memórias. São válidas a esse respeito as palavras de Pollak (1992) ao mencionar que a memória é seletiva, ela não registra nem grava tudo. Ela é, portanto, um fenômeno construído, o qual pode ser tanto consciente como inconsciente, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (POLLAK, 1993, p. 4-5). Assim como o exemplo citado, foi possível identificar que vários objetos de memórias apresentados nas turmas haviam sido rememorados tendo em vista os sentidos afetivos atribuídos a eles. É interessante, todavia, que os afetos vinculados a esses artefatos culturais, que compõem um primeiro agrupamento de objetos de memórias, fazem referência não só a figura de uma pessoa específica, como o professor, por exemplo, mas também a grupos de amigos e parcerias estabelecidas na trajetória escolar, bem como a espaços da instituição escolar. Assim, destaca-se o colar com pingente que um aluno ganhou do professor de Educação Física; o thaco confeccionado juntamente com o professor de taekwondo que possibilitava ao estudante se sentir mais calmo na escola; a mochila recebida de presente da mãe no Ensino Fundamental e que é usada até os dias atuais no Ensino Superior; o conjunto de lápis de cor salvaguardado, pelo acadêmico autista, como lembrança, desde as séries iniciais quando aprendeu a ler por considerá-los um amuleto; as fotografias com os colegas dentro do ônibus escolar que possibilita a lembrança das horas de viagem que uma aluna levava para chegar de sua casa, no interior, até a escola no centro da cidade; o baralho de truco que permite recordar as ‘carteadas’ e os momentos de risadas entre os colegas da turma no intervalo das aulas; a corda de pular e o elástico que evocam as lembranças de atividades realizadas no recreio escolar. Cabe problematizar, desse modo, o quanto objetos de memórias escolares, muitas vezes, possibilitam rememorar mais o processo de socialização e outras atividades desenvolvidas na escola do que o processo de ensino e de aprendizagem sistemático, objetivo principal das instituições de ensino desde o século XIX. O segundo grupo de objetos de memórias reunidos nesta pesquisa retratam as predileções profissionais dos integrantes das turmas, uma vez que foi enfatizado por muitos acadêmicos que a opção pela graduação escolhida para iniciar sua formação profissional estava vinculada às experiências vivenciadas por meio daquele artefato cultural. Assim, ainda que uma diversidade de objetos tenha sido exposta com esse sentido, foi possível notar especificidades no que tange às materialidades apresentadas por duas das turmas investigadas. A turma de Licenciatura em Matemática, por exemplo, trouxe em sua maioria artefatos vinculados à área das ciências exatas como os cadernos de matemática com as listas de exercícios realizadas, a medalha recebida pelo primeiro lugar nas Olimpíadas de Matemática realizada na escola, os boletins escolares para evidenciar as ‘boas notas’ na disciplina de matemática. No curso de Licenciatura em Educação Física, por sua vez, foram recorrentes objetos de memórias relacionados às atividades físicas realizadas pelos acadêmicos durante suas trajetórias escolares. Teve-se nesta turma, portanto, a bola de futebol, a camiseta do time de futebol, o tchaco usado na aula de taekwondo, a medalha de campeonatos esportivos escolares realizados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e a corda de pular. Entretanto, na contramão da assertiva sobre a escolha profissional das duas turmas mencionadas, os objetos de memórias escolares expostos pela turma de Licenciatura em Ciências Exatas não demonstraram uma regularidade na vinculação à área do curso, mas sim às relações afetivas estabelecidas, principalmente, com os colegas do Ensino Médio. Nesse sentido, considera-se interessante problematizar que nem sempre as escolhas profissionais realizadas por esses acadêmicos ao longo de suas trajetórias escolares estão relacionadas somente aos gostos ou facilidades encontradas em um determinado campo de estudo. Muitas vezes, essas opções são

permeadas, também, por questões familiares, financeiras ou, ainda, pela pontuação exigida no ENEM para o ingresso no Ensino Superior. A diferença constatada entre as três turmas é interessante à medida que permite aferir o quanto os objetos de memória escolar possuem sentidos e significados distintos para os sujeitos, uma vez que eles estão imbricados a diferentes experiências, e, ainda, aos espaços nos quais foram utilizados pelos próprios acadêmicos. O terceiro grupo de objetos de memória analisado está relacionado à rituais escolares como, por exemplo, fotografias de formaturas e recordações escolares individuais ou da turma produzidas em virtude do encerramento do ano letivo ou de uma etapa de ensino. Assim, os materiais elencados pelos acadêmicos, tais como moletom da turma, a confecção artesanal de uma sacola de pano com a escrita em caneta hidrográfica de todos os colegas da sala, ou a produção de um copo térmico com as fotografias de momentos importantes da turma que conclui o 3º ano do Ensino Médio, ainda que caracterizem momentos específicos de rupturas na trajetória escolar, se constituem como dispositivos para manter vivo na memória momentos, pessoas e/ou espaços que não se quer esquecer. Da mesma maneira, as fotografias de recordação escolar tiradas entre os primeiros anos do Ensino Fundamental, que tinham o cenário composto, geralmente, por uma mesa, livros, a bandeira do Brasil e um globo terrestre foi mencionada por acadêmicos, tanto da região sul como do Alto do Uruguai, como um objeto de memória importante de suas trajetórias escolares. Entretanto, é interessante a observação feita por alguns alunos do curso de Licenciatura em Matemática, ofertado na região do Alto do Uruguai, ao visualizarem a fotografia dos colegas, de que em suas escolas não existia esse ritual. Conforme suas justificativas, é provável que essa diferença seja em decorrência das instituições de ensino frequentadas por eles estarem situadas no interior, ou por não terem dinheiro para comprar a foto ao final do ano. Essas colocações são relevantes à medida que reforçam a concepção da cultura material escolar como plural e que precisa ser compreendida nas suas relações com a produção e usos desses objetos, uma vez que estão imbricados aos contextos sociais e políticos nos quais foram produzidos, utilizados e resignificados pelos sujeitos. O quarto, e último conjunto de objetos de memórias analisado neste texto, reúne artefatos que comumente materializam práticas desenvolvidas no cotidiano escolar. Logo, foram destacados os cadernos escolares que contemplam o registro do ensino da leitura, da escrita e da matemática; as agendas escolares com os recados destinados aos pais e/ou responsáveis; o lápis de escrever, a tesoura, o giz de cera, a mochila, os estojos, e as folhas coloridas nas quais as atividades eram impressas; os carimbos utilizados pelos professores e professoras para parabenizar pelo êxito da atividade realizada; a caneta esferográfica azul que marca a transição da escrita realizada somente com lápis de escrever, passível de correções, para uma escrita mais permanente, produzida por um sujeito ‘mais experiente’; e de caráter mais burocrático como os históricos escolares. Além desses, foram apresentados boletins escolares, que, segundo os relatos dos estudantes, permitem evidenciar os resultados dos diferentes formatos que as avaliações escolares tiveram no decorrer dos anos, ora quantitativo expresso por notas e ora qualitativo, por meio de parecer. Vale frisar que a partir deste objeto também foi possível identificar memórias referentes à concepção do que é ser um bom aluno e sobre o comportamento esperado do mesmo. Diante do exposto neste trabalho é possível indicar que as memórias evocadas pelos acadêmicos, por meio dos objetos de memória selecionados, reafirmam que analisar a cultura material escolar “significa compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação” (BENCOSTTA, 2007, p. 176), uma vez que a cultura material escolar é compreensível na medida em que os artefatos são relacionados aos sentidos atribuídos a eles pela sociedade e pela própria escola. Logo, estudos nessas perspectivas corroboram a compreensão do quanto os artefatos da cultura material escolar, neste caso, lembrados pelos acadêmicos investigados como os boletins, as recordações escolares, as fotografias, os cadernos escolares, apresentam marcas de projetos políticos, sociais e pedagógicos do seu tempo, da organização e da estrutura dos sistemas educacionais, dos métodos de ensino predominantes e, ainda, das suas condições de produção. Desse modo, a análise de objetos de memórias escolares permite captar tanto as

propostas pedagógicas que circulavam em determinados períodos e regiões do estado do Rio Grande do Sul, como compreender que esses artefatos culturais não existem de forma isolada, uma vez que eles estão imbricados aos contextos sociais e políticos nos quais foram produzidos, bem como aos usos e sentidos atribuídos a eles pelos sujeitos. Por fim, cabe ressaltar que essa atividade, além de permitir inventariar objetos de memórias escolares, possibilitou problematizar concepções, relações e práticas do cotidiano escolar, o que é fundamental no início da trajetória acadêmica de um estudante de licenciatura, pois “o mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola” (NÓVOA, 2004, p. 9).

**PALAVRAS-CHAVE:** Objetos de memória. cultura material escolar. Formação de professores.

## REFERÊNCIAS

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: Cortez,

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura Escolar: da Migração do Conceito à sua objectivação Histórica. In: **Cultura Escolar, Migrações e Cidadania.** Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão [et al]. Coleção Repertórios. Campinas: UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NÓVOA, Antonio. Apresentação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol II. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, César Augusto. (Org.). **Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870- 1925).** 1ª Ed. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011, p. 43-68.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. v. 5; n. 10.1992. p. 200-212. Disponível em:

[uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](#)>. Acesso em: 19 jun. 2014.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social. Ver. Sociol.** USP, São Paulo, 7 (1-2), outubro de 1995. p. 67-82.